

Panorama Unesp: cidadania sem rótulos¹

Agnes Sofia Guimarães Cruz (Unesp)²

Suely Maciel³

Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (UNESP)

Resumo: O Panorama UNESP é um, projeto de extensão da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), campus de Bauru. Com a produção de notas, reportagens, série de reportagens, docudramas e outros formatos especiais, ele busca efetivar uma prática midiática cidadã, que contemple todos os segmentos sociais, em especial aqueles que geralmente não são contemplados nas abordagens comumente realizadas pela mídia hegemônica. O presente relato visa apresentar as características da proposta e os principais desafios de desenvolver um projeto que se inicia em paralelo à efervescência política na sociedade brasileira nos últimos meses, e de como enquadrá-lo dentro dos rótulos que costumam estar vinculados a produções voltadas para a comunicação comunitária.

Palavra-chave: Panorama UNESP; jornalismo radiofônico; webrádio; mídia cidadã

¹ Trabalho apresentado no II 5 – Rádio, TV e Internet do XIX Congresso de Ciência da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de maio de 2014.

² Graduanda de Comunicação Social – Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) da Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Bauru/SP.

³ Docente da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) da Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Bauru, com pesquisas na área de mídia sonora, linguagem e produção de sentido e atuação jornalística em rádio, veículos impressos e assessorias de comunicação.

1. Panorama Unesp e a mídia cidadã

No *Manual urgente para radialistas apaixonados*, López Vigil (2003) dedica um capítulo para a “democratização da palavra”, que permitiria a prática de uma rádio que use a “palavra pública” e que “devolve a palavra” para a comunidade:

Quem fará ecoar as vozes dos pobres, ou seja, dos quatro em cada cinco latino-americanos, de quatro em cada cinco caribenhos? Não queremos ser a voz dos sem-voz, pois o povo não é mudo. Ele sabe muito melhor do que nós o que quer e de que necessita. Só precisa de canal de expressão, o caramujo tecnológico, o rádio. (LÓPEZ VIGIL, 2003, p. 485).

O autor também questiona o que faria uma rádio ser comunitária. Embora vários países usem definições distintas (se, no Canadá, essas rádios são conhecidas como comunitárias, na Europa elas são associativas, na África são rurais, na Austrália são rádios públicas, na Bolívia são educativas, livres no Brasil, associativas em El Salvador etc.), todas possuem o mesmo desafio: “Democratizar a palavra para tornar mais democrática essa sociedade excludente à qual nos querem acostumar os senhores neoliberais.” (LÓPEZ VIGIL, 2003 p. 495).

Esses dizeres figuram como uma das principais referências do Panorama Unesp, um projeto de extensão da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), campus de Bauru (SP), iniciado em abril de 2013. Ele tem como meta principal a produção de um programa radiofônico de aproximadamente 15 minutos e periodicidade quinzenal.

O Panorama Unesp visa discutir os mais variados temas (meio ambiente, saúde, política, esportes, economia, cultura etc.) em reportagens especiais, séries de reportagens, documentários e outros formatos especiais para as mídias sonoras, sempre buscando a contextualização e a história dos fatos e seus personagens, abrindo espaço para discussões adormecidas, abandonadas ou simplesmente ignoradas pela produção jornalística em geral. Toda a produção deverá ser veiculada na Rádio Unesp Virtual, (www.radiovirtual.unesp.br), bem como na página do projeto no Facebook. As pautas são definidas preferencialmente a partir de sugestões da comunidade (associações de

moradores, grupos comunitários, representantes de entidades civis etc.), com a qual se mantém contato por meio de visitas periódicas, participação em eventos e outros canais, como e-mails, visitas à página do projeto etc. Com isso, busca-se estimular a participação direta das pessoas na proposição dos assuntos. O projeto tem como meta fornecer ao ouvinte internauta informações que contribuam para estimular e fortalecer sua participação no debate dos problemas locais, regionais e nacionais e a vontade de resolvê-los.

O projeto apresenta-se também como espaço para o aprofundamento dos conhecimentos e da prática dos alunos dos cursos de Jornalismo e Radialismo quanto à produção para as mídias sonoras, como o rádio e a webrádio, bem como para o desenvolvimento de uma postura democrática, independente, honesta e comprometida com as demandas dos diferentes grupos sociais, em especial aqueles a que normalmente não se dá voz na produção jornalística cotidiana. Ele conta atualmente com a participação de dois alunos bolsistas e dez alunos voluntários, a maioria dos cursos de Jornalismo e Radialismo, mas há também discentes de outras áreas, como Psicologia.

Com a proposta de aproximar o público-alvo (a comunidade bauruense) da produção dos programas, as pautas do Panorama saem dos próprios ouvintes. Esse é o seu principal diferencial, mas também o um dos maiores desafios, ou seja, como aproximar a sociedade civil do programa e instigá-la a participar da produção por meio da sugestão de pautas. Outra questão importante refere-se ao aprimoramento dos alunos sobre o que seria praticar uma mídia cidadã dentro da própria universidade e como levá-la para a comunidade.

Algumas discussões podem contribuir para essa discussão, Além dos parâmetros estabelecidos por López Vigil (2003), há o trabalho de Downing, “Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais”. Em linhas gerais, ele analisa as principais manifestações de protesto na mídia e nas artes, para definir o que seria a prática de um mídia radical. O conceito é mais amplo do que o de mídia cidadã, já que o autor considera outras formas de expressão além da comunicação para exemplificar sua teoria, mas ela ajuda a compreender como deve ser feito o exercício de uma mídia alternativa que não cometa o mesmo processo de exclusão realizado pela mídia tradicional em relação a várias classes sociais.

Além disso, o jornalismo radiofônico comunitário se alinha ao conceito do pesquisador canadense quando, assim como as demais mídias radicais, há a aplicação de uma transmissão de informação organizada, de modo a suprir os recursos que faltam, comparados à mídia tradicional. Primeiro há a expressão vertical, realizada a partir de setores subordinados e que estão diretamente opostos à estrutura de poder e seu comportamento, que busca reprimir as classes sociais menos favorecidas. Após essa primeira manifestação, há uma expressão horizontal, que consiste no apoio e solidariedade com outros grupos semelhantes ou simpatizantes às causas que são levadas a público e, dessa forma, há uma tentativa interna, dentro deste método, de haver uma democracia maior do que a praticada pela mídia estabelecida.

Mas como um projeto de extensão, praticado por estudantes, pode realizar uma expressão vertical, se a equipe não representa, necessariamente, um setor subordinado oprimido?

Isso ocorre pela sugestão de pautas. Quando um grupo da comunidade bauruense é motivada a dizer o que gostaria de ouvir no programa, ela realiza sua expressão vertical, que será propagada pelos alunos, até que ela se torne horizontal, quando houver o contato de outros grupos sociais com o recurso utilizado por aquele primeiro grupo para se manifestar.

E se é também necessário aproximar o público-alvo da iniciativa do projeto, o rádio possui recursos que permitem esse processo, e eles são objetos de estudo da equipe do Panorama, que também participa de um Grupo de Estudos sobre Mídia e Linguagem Sonora para compreender esse processo. Nele há o estudo de autores clássicos nas pesquisas sobre rádio, como Rudolf Ahnheim e Armand Balsebre, e o acompanhamento de discussões mais atuais sobre a relação do rádio com as transformações sociais contemporâneas, como em Mariano Cebrián Herreros, Ricardo Haye, Eduardo Meditsch, o próprio Luiz Ignacio López Vigil, entre outros.

Um exemplo de um debate recente sobre essa questão ocorreu no 3º Simpósio Internacional de Comunicação e Cultura da América Latina. Na sessão de Comunicação Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas, a pesquisadora Maria Inês Amarante, integrante da equipe de formação da AMARC Brasil (Associação Mundial de Rádios Comunitárias), afirmou que o rádio manteve sua importância, a despeito dos avanços tecnológicos. Ela

lembrou a afirmação de Jesús Martín-Barbero, para quem “o rádio organizou nossa temporalidade: o dia e a noite, o levantar, o rezar, almoçar etc. mesmo antes da televisão e ainda é meio que mais vai durar, porque a América Latina é oral, mais visual e menos letrada”. Amarante ressaltou também que o que mais populariza o rádio é sua capacidade de falar para o público ouvir, sem que este necessite ser alfabetizado e também ajudou a compreender o conceito de mídia alternativa e cidadã

Compreende-se por ‘alternativa’ uma comunicação de resistência que se deu no período histórico marcado por atos de exceção dos governos militares (no Brasil, entre 1968-82). Já a comunicação popular, lembra Peruzzo (2009, p. 55), ‘pode ser entendida de varias maneiras’, mas sempre denota uma comunicação que tem ‘o povo’(as iniciativas coletivas ou os movimentos e organizações populares) como protagonista principal e como destinatário, desde a literatura de cordel até a comunicação comunitária (Amarante, 2010, p.511).

2. A dinâmica de produção

As atividades do projeto preveem a produção de conteúdo jornalístico diferenciado, a ser veiculado num programa quinzenal de rádio, cujas características principais são a diversidade temática, o aprofundamento da abordagem e a exploração de formatos pouco privilegiados na produção jornalística radiofônica em geral. O programa *Panorama Unesp* privilegia radioreportagens especiais, série de reportagens, documentários, docudramas e outros formatos que permitem a exploração ampliada dos assuntos, com seu contexto e sua história, e o emprego diversificado e criativo de todos os elementos que configuram a chamada linguagem radiofônica, ou seja, os códigos verbal (com uso da voz humana), sonoro (efeitos e silêncio) e musical (músicas, trilhas, BGs etc.).

As atividades são realizadas pelos alunos bolsistas e voluntários, divididos em duas equipes. Cada equipe realiza todas as etapas da produção, da coleta de informações à edição final das matérias/documentários, passando pela produção e gravação dos roteiros e sonoplastia. As equipes trabalham simultaneamente, sem uma delimitação rígida de prazo de produção, haja vista que algumas pautas demandam mais tempo que outras para sua realização. Apesar disso, procura-se manter um fluxo contínuo de trabalho, de forma a garantir a atualização quinzenal do programa. Como as atividades ainda são recentes e boa parte dos alunos participantes cursa o primeiro semestre e ainda

não teve um contato mais aprofundado com a teoria e a produção midiática, principalmente a radiofônica, houve a necessidade de ajustes nas primeiras produções, o que levou a atrasos no cronograma inicialmente previsto. Essas dificuldades, porém, vêm sendo sanadas paulatinamente, conforme se aprofunda o contato dos participantes com a dinâmica de produção.

Todos os assuntos podem ser abordados nas produções, desde que relacionados direta ou indiretamente com Bauru e região. O levantamento das pautas, porém, como já dito, deve se dar preferencialmente a partir das demandas e sugestões da comunidade, por meio de contatos com associações de moradores, grupos comunitários e organizações civis para captação de propostas. A ideia é que as pessoas atuem diretamente na proposição dos assuntos, num processo interativo e preocupado em estimular a participação do público na discussão de temas diferenciados, comumente esquecidos, desprestigiados ou simplesmente ignorados pela cobertura jornalística em geral.

As atividades de roteirização, locução e edição dos áudios são normalmente realizadas nos laboratórios de informática e estúdio de rádio da FAAC, no estúdio da Rádio Unesp Virtual e no Laboratório de Comunicação Aplicada (LabCom) do Departamento de Ciências Humanas da mesma faculdade. Ocasionalmente, porém, os alunos podem realizar esse trabalho em outros espaços, inclusive suas residências, bastando para isso que haja hardware e softwares compatíveis com a produção em mídia sonora, como microfones, computadores e programas de edição em áudio.

3. Colocando a proposta em prática

As primeiras produções do Panorama Unesp foram uma série especial sobre a Conferência das Cidades Nacional das Cidades⁴, cuja etapa local foi realizada em Bauru em maio de 2013, e uma série sobre o projeto “Minha Casa, Minha Vida”, pauta sugerida por uma representante do bairro Ferradura Mirim (localizado na periferia bauruense) participante da Conferência. Em abril deste ano, dezoito famílias do bairro foram removidas de suas casas e assentadas em novas moradias do programa do governo

⁴ A Conferência Municipal das Cidades é a primeira etapa da 5ª Conferência Nacional das Cidades, que será realizada em Brasília entre os dias 20 e 24 de novembro de 2013. Cada cidade do país deve realizar sua conferência e levar as principais questões levantadas pelos representantes de grupos sociais presentes para as Conferências Estaduais, que escolhem as principais demandas que deverão ser levadas em Brasília.

federal. . Essa não foi a primeira vez que o “Minha Casa Minha Vida” levou a intervenções nas comunidades de Bauru, daí a sugestão da representante do Ferradura Mirim para que o *Panorama Unesp* apresentasse uma discussão sobre o assunto.

Os repórteres compareceram à Conferência de Bauru e a equipe decidiu fazer, a partir dessa experiência e da proposta de pauta feita pela representante, a série de reportagens também sobre o evento, sendo que cada parte da série seria destinada a uma mesa-redonda da Conferência. Foram cinco mesas, organizadas em cinco debates, dos quais foram tirados trinta pontos que Bauru deve levar à Conferência Estadual (a ser realizada em setembro, em São Paulo). Enquanto a primeira reportagem da série foi sobre a própria Conferência Municipal e sua relação com o modo como a sociedade civil luta para contribuir em iniciativas de políticas públicas, a segunda reportagem foi sobre a segunda mesa, que tratava justamente do projeto “Minha Casa Minha Vida”. Como tal projeto foi a sugestão de pauta que veio da comunidade, ele foi o principal enfoque da reportagem que lidou com as questões da primeira mesa.

As demais reportagens ainda estão em produção, e estarão relacionadas com os demais temas abordados na Conferência: Mobilidade; Sustentabilidade e Saneamento Básico; Planejamento Urbano e Ordenamento Industrial; Sistema Nacional de Desenvolvimento Urbano.

Além da série especial sobre a Conferência das Cidades, a equipe recebeu uma sugestão de pauta da ONG Periferia Legal para que fosse realizada uma reportagem sobre a ausência de centros culturais em bairros periféricos de Bauru. A equipe acompanhou uma intervenção cultural da ONG na comunidade Mary Dota, no início de agosto, e produziu um boletim especial sobre o evento, pontuando a carência de cultura nos bairros. Outra reportagem deve ser realizada no futuro, com uma investigação aprofundada sobre os bairros que sofrem deste problema.

A terceira e última produção realizada até o presente momento é sobre a IX Conferência de Mídia Cidadã, realizada entre os dias 6 a 8 de agosto, em Curitiba (PR). Além de um boletim especial sobre o evento, foi realizada uma reportagem sobre a relação entre a democratização da informação e os movimentos sociais, com depoimentos de grupos que se apresentaram no encontro e com representantes do grupo de protesto Bauru Acordou.

Considerações Finais

Apesar do pouco tempo de atividades do projeto Panorama Unesp e seu respectivo programa radiofônico, já foi possível perceber que a proposta precisa superar esses desafios: a compreensão dos alunos sobre o que seria e como praticar uma mídia mais cidadã; como desenvolver esses parâmetros dentro da própria universidade, e como aproximar esta da comunidade; como estreitar o contato e o vínculo do programa com a sociedade civil do programa, fazendo com que esta se perceba como elemento participante fundamental de todo o processo de produção e sem a qual a própria razão de ser do projeto se fragiliza.

Nas produções que já foram realizadas, essas metas foram alcançadas: na série sobre a Conferência das Cidades, houve a sugestão da pauta (representante do bairro Ferradura Mirim, sobre o Projeto Minha Casa Minha Vida), os alunos iniciaram suas atividades dentro da universidade, mas precisaram desenvolvê-la na própria comunidade bauruense, com a visita aos bairros e o contato com as fontes, moradores da própria região. Ainda que sejam veiculadas na Rádio Unesp Virtual e disponibilizadas na mídia social Facebook, as produções serão também exibidas para os bairros nas próximas visitas da equipe, para que a população saiba que suas demandas geraram produtos midiáticos concretos e se sintam participantes das discussões públicas a respeito dos problemas de sua cidade.

Referências Bibliográficas

DOWNING, John D. H.. Mídia Radical – Rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. Editora Senac São Paulo, 2002.

LÓPEZ VIGIL, José Ignacio. Manual urgente para radialistas apaixonados. Tradução de Maria Luísa Garcia Prada. – São Paulo: Paulinas, 2003.

REALIZADA A REMOÇÃO E REASSENTAMENTO DE 18 FAMÍLIAS DO BAIRRO FERRADURA MIRIM NESTA QUINTA FEIRA. Disponível em: <http://www.jcnet.com.br/Bairros/2013/04/realizada-a-remocao-e-reassentamento-de-18-familias-do-bairro-ferradura-mirim-nesta-quintafeira.html>. Acessado em 11 de agosto de 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BAURU/ CONFERÊNCIA MUNICIPAL. Disponível em: http://www.bauru.sp.gov.br/cidade/conferencia_municipal.aspx. Acessado em 1º de junho de 2013.

“Rádios Comunitárias e Transformação Social na América Latina”. Disponível em: <http://www.usp.br/celacc/ojs/index.php/extraprensa/article/view/s-ses2-8/ss2-t8>. Acessado em 1º de junho de 2013.